

10. GEOGRAFIA E FORMAÇÃO SOCIAL

A Geografia põe-se como ciência no momento em que estabelece o espaço como ser, manifestação do real, na qualidade de categoria ôntica fundamental. Contudo, há aí uma especificidade que remete à subtotalidade: o espaço se põe, desde logo, como formação. Por isso, como objeto apreendido pela consciência. A formação é e contém a forma e o processo. A expressão elementar da Geografia, enquanto objetivada como espaço-terrestre, é o lugar. Assim, o globo apresenta-se à observação geográfica como uma grande diversidade, em quantidade e qualidade, de lugares. O lugar é, então, a unidade constituinte básica da Terra. Mas, o lugar manifesta-se como território, região e área e, por isso, como forma. Mas, o lugar é também uma totalidade de relações de localização. Por isso, um complexo de formas que existem desde logo como relações. Então, como processos. Daí que a formação é um ser (forma e processo) que é e vem a ser, como resultado do trabalho, imanência do modo de produção. A matéria põe-se então, num primeiro momento, como ser físico. Mas, a formação é também produção social. Por isso, modo de produção social. O modo de produção natural, assim como o modo de produção social, só podem ser apreendidos como formações acrescidas de suas particularidades e singularidades. São portanto construções lógicas-reais que permitem a apreensão do natural e do social. As formações naturais e sociais supõem o trabalho e, por isso, relações de produção. Portanto, supõem a população: natural e social. Então, a formação geográfica põe-se como lugar e, desde logo, como habitat e habitar. Mas, também como lugar de trabalho e lugar de consumo. Daí que também como lugar de circulação, lugar de passagem. Por isso, como lugar natural e social, que possui uma população. A formação natural-social é, então, a expressão geográfica do modo de produção natural-social. Contudo, só existe como particularidade e singularidade, na apreensão dos recortes do real. Ela contém uma determinação de origem: seu ser é posto como contradição de momentos do movimento. Por isso, a formação possui um tempo de existência que está dado na especialidade do modo de produção. A formação geográfica se põe, então, como organização do espaço: organização em si e organização para o homem. Daí, como valor em si e valor para outro.

Pesquisa bibliográfica

Moraes, A.C.R. (1979) "Em Busca da Ontologia do Espaço" in Território Livre, nº 1, UPEGE, São Paulo.

pg. 36 "Desde logo, devemos admitir 'o espaço enquanto natureza em si', como existência objetiva anterior ao homem, manifestação de formas da materialidade inorgânica e orgânica. Engendrado numa história natural, onde as transformações ocorrem sem a impulsão finalística. Este espaço é uma realidade factica, o reino absoluto da causalidade. Em termos lógicos e históricos, admitimos que é nesta realidade que se forma o ser social, forma mais elevada da materialidade. Este, transforma teleologicamente (com finalidade) o mundo externo através do seu trabalho. Apropria e transforma este espaço natural, imprimindo-lhe sua marca; faz dos objetos naturais formas úteis à vida humana. O apropriar-se do espaço concreto implica na elaboração de categorias lógicas sobre o espaço. (...) "Noções como distância, extensão, fronteira, assim como a consciência do espaço grupal e a demarcação do domínio territorial são engendradas no trabalho social, são ilações da prática. (...) "Mediatizada pelo pro -

cesso histórico da instalação da humanidade sobre o globo, a apreensão do espaço se faz calcada na apropriação; este é posto como categoria histórico-concreta, remetendo a um ser em movimento. O ser já não é uma 'natureza em si' mas uma 'natureza para o homem' e cada vez mais um trabalho do homem. (...)

pp.37/8 "Posto nestes termos, o natural vai ser visto como potencialidade substantivada na apropriação humana. O ser social, forma mais elevada da materialidade, direciona as manifestações da realidade orgânica e inorgânica com sua ação transformadora. (...)" "Na obra transformada (o produto do intercâmbio material) temos a unidade do natural e do social, mantendo sua diferenciação enquanto causalidade e teleologia; no próprio homem, a dialética necessidade-liberdade, mediatizada pelas condições naturais e históricas. Desde logo, homem e natureza já estão colocados em relação na perspectiva da ontologia do espaço. (...)

"O ser é apreendido como o processo histórico-concreto de valorização do espaço, parte movente movida da totalidade social. (...)" "Concebendo o ser como a valorização do espaço, cabe estabelecer através de quais mediações o modo de produção lhe dá termino o movimento. (...)" "Estudamos e refletimos sobre os pontos da obra de Marx, significantes para o tema, e tentamos uma aproximação ao diferenciar o 'valor do espaço' e o 'valor no espaço'. O primeiro é um valor contido, a potencialidade natural a que nos referimos anteriormente. O valor no espaço é um valor criado, um produto do trabalho. As duas formas ocorrem em unidade, pois a substantivação de um dado potencial implica no dispendio de uma quantidade de trabalho que se materializa no espaço." (...)" "Cabe agora iniciarmos o processo de concreção tentando dar conta de formações territoriais concretas. (...)" "O conhecimento das formações territoriais coloca-se como imperativo de qual quer análise política consequente."

Moreira, R. (1979) "A Geografia serve para Desvendar Máscaras Sociais (ou para Repensar a Geografia)", in Território Livre, nº 1, UPEGE, São Paulo.

Espaço e Reprodução.

pg.10 "Vimos que a Formação Espacial é um 'espaço produzido'. Que a produção do espaço confunde-se com a produção dos bens materiais necessários à sobrevivência dos homens. E que isto decorre do fato de que os homens suprem suas necessidades convertendo a terra, que Marx denominou 'sua despesa primitiva', nos bens necessários, pela via do trabalho social.

"Vimos também que a Formação Espacial é a própria Formação Econômico-Social, especializada, contendo sua estrutura, contendo sua estrutura e leis de movimento, e nela estando contida.

"Retomemos estas duas afirmações, a fim de, estabelecendo a unidade necessária entre base econômica (Infraestrutura) e Formação Econômico-Social, precisarmos mais a noção de Formação Espacial e compreendermos o significado do Modo de Produção.

"Em primeiro lugar, o espaço não seria Formação Espacial se o processo de produção não fosse, em verdade, um processo de reprodução. A Formação Espacial teria existência efêmera, restrita ao momento (período) de conversão da terra em bens pelo trabalho social, não chegando a adquirir uma estrutura duradoura e mais definitiva. Terminado o processo de produção, se extingiria a 'ordem espacial' gerada pelo trabalho social como resultado e ao mesmo tempo condição de realização da produção.

"É devido ao fato de que o processo de produção é em verdade um processo de reprodução que esta 'ordem espacial' ganha existência permanente. Fica mais uma vez patente o vínculo existencial entre a Formação Espacial e o processo de produção: como a reprodução é a produção em caráter permanente (contínuo), a Formação Espacial ganha um caráter permanente.

"Em segundo lugar, decorre dessa relação com o processo de produção social a relação de correspondência básica entre a Formação Espacial e a Formação Econômico-Social. Produzida pelo mesmo processo gerador, em última instância, da Formação Econômico-Social, e em simultaneidade, a Formação Espacial exerce dialeticamente papel fundamental nesse processo, já que é resultado e condição da reprodução.

"Mas a relação de correspondência básica é o fundamento da correspondência necessária entre a Formação Espacial em seu todo e a Formação Econômico-Social em seu todo. Se a Formação Econômico-Social organiza a Formação Espacial em se organizando, estrutura a Formação Espacial em se estruturando, origina a Formação Espacial em se originando, transfere-lhe suas leis de organização e movimentos, isto tudo ocorre também no sentido inverso, o da Formação Espacial para a Formação Econômico-Social."

Hindess, B. (e) Hirst, P.Q. (1978) Modo de Produção e Formação Social (Uma Autocrítica de Modos de Produção Pré-Capitalistas), Zahar Ed., Rio de Janeiro.

Modo de Produção e Formação Social.

pp.57/8 "O conceito de uma formação social específica as formas pelas quais as condições de existência de determinadas relações de produção são proporcionadas. Não é uma combinação de modos de produção no sentido althusseriano, uma espécie de metacominação de instâncias. A conceitualização de formações sociais envolve os seguintes níveis de teorização, além da conceitualização das próprias relações de produção:

- "(1) Os meios e processos de produção específicos, as formas de distribuição dos produtos e a relação dessas formas com as condições de reprodução dos processos de produção. (...)
- "(2) Formas de relações de classe específicas à estrutura da formação social. (...)
- "(3) Formas de estado e aparatos políticos.
- "(4) Formas culturais e ideológicas específicas. (...)
- "(5) As condições para a transformação de algumas dessas formas econômicas, políticas e culturais/ideológicas. (...)
- "(6) Formas de relação com outras formações sociais.

"Quando muito, o conceito de uma determinada formação social especifica a estrutura de uma 'economia' (formas de produção e distribuição, formas de comércio, condições da reprodução dessas formas), formas de estado e política e formas de cultura e ideologia, e sua relação com essa economia, classes econômicas e suas relações, e as condições para uma transformação de algumas destas formas. Não designa uma totalidade social com suas necessárias efetividades dadas em seu conceito, nem, como uma consequência, 'estados' particulares da ação de tal totalidade ou de sua 'resolução' em alguma outra forma de totalidade."

Thiollent, M. (1976) Os Conceitos de Modo de Produção e Formação Econômico-Social, UNICAMP, IFCH, Depto. de Ciências Sociais, São Paulo.

II. O Conceito de Formação Econômico-Social.

pg. 9 "Nós consideramos aqui o conceito de FES na sua função de designar sociedades particulares, históricas, típicas, caracterizadas pelo MP ou pela articulação de vários MP que nela têm lugar.

"É possível dizer, numa primeira aproximação, que o conceito de MP é mais 'lógico-analítico' que o conceito de FES, o qual é mais 'histórico-sintético'. Uma questão que aí se coloca consiste em saber se o modo lógico está fora da história: claro que não. Remetendo-nos a uma frase de Engels podemos considerar modo lógico = modo histórico, despojado da forma histórica. Evidentemente nesta formulação está implícito a existência da atividade de pensamento própria de um 'sujeito de conhecimento': o pensamento do 'sujeito' que despoja a forma histórica. Constitui-se em um momento do movimento de pensamento, não um movimento real.

"A partir daí podemos afirmar ser o MP, conceitualmente, uma FES, parcialmente despojada da sua forma histórico-social ou pelo menos de alguns elementos desta forma. Este despojamento implica uma atividade cognoscente que despoja, que discrimina as aparências para construir a essência pensada.

"O que é 'extraído' da FES para obter o MP são os elementos com sistematicidade e contemporaneidade suficientes, a fim de serem considerados como núcleo essencial, elementar da realidade mais complexa, correspondente ao conceito de FES. (...)

pg. 10 "A Estrutura Econômica (EE) é um conceito intermediário entre MP e FES. É a base econômica da FES, na qual se combinam, eventualmente, vários MP elementares, com um modo de dominação particular de um sobre os outros. Por sua vez, a FES remete ao todo social complexo a dominante, que contém a articulação de todas as instâncias da superestrutura e uma certa configuração nacional. (...)

"Podemos dizer que uma teoria centrada no conceito de FES (isto é, relacionando conceitos subsumidos no de FES) pressupõe uma teoria prévia dos MP.

III. A Relação Conceitual entre os Conceitos de Modo de Produção e Formação Econômico-Social.

pg. 13 "O MP expressa sobretudo a generalidade da região econômica mesmo quando são teoricamente aí colocadas as condições da reprodução não-econômica.

"A FES é muito mais complexa porque expressa a unidade das esferas econômicas, políticas e cultural. É um processo de formação com continuidades e descontinuidades no desenvolvimento histórico.
"O conceito de FES encerra a superestrutura até mesmo a estrutura familiar e a vida cotidiana o que não é dado pelo MP."

Luporini, C. (1976) "Dialectica Marxista e Historicismo" in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ed., Mexico.

pg. 14 "Pero precisamente porque la lingüística moderna opera también ella mediante el revelamento de estructuras objetivas sobre base empírica (que en cierto sentido pueden ser llamados 'modelos'), con resultados sin duda notables al menos en el campo fonemático (cualesquiera sean los malentendidos que puedan aún subsistir en torno a la noción de 'signo'), para hacer de algún modo controlable mi afirmación, hay que precisar con suficiente amplitud los rasgos necesariamente comunes a todo posible modelo de 'formación económico-social'.

"Estos rasgos, a mi entender, son esencialmente tres:
"a) el modelo (como en general todo modelo científico) tiene una función interpretativa respecto al acontecer concreto del ámbito al que se refiere y delimita. En nuestro caso, esta función interpretativa permite descubrir tendencias objetivas de desarrollo y realizar previsiones en tal sentido. (...)

pg. 16 "b) Otra característica esencial del modelo marxista de formación económico-social, es su capacidad de periodización en sentido historiográfico. No en el sentido de que el modelo contenga en sí mismo una determinada cronología o calendario, sino en el sentido de que ubicado en el análisis histórico (histórico-social) concreto, permite establecer períodos o épocas correspondientes: " (...)

"c) El modelo se constituye en la oposición entre las leyes generales de la producción (válidas para todas sus formas históricas) y las leyes especiales - integradoras o modificadoras de las precedentes - que definen una formación económico-social determinada."

Sereni, E. (1976) "La Categoría de 'Formación Económico-Social' ", in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ed., Mexico.

pg. 58 "Pero, ya en un párrafo de los Grundrisse mismos, redactado en mayo de 1858, Marx usa - en vez del concepto de 'forma de sociedad' - el nuevo término de 'formación de la sociedad' o 'social' (Gesellschaftsformation), que luego en enero de 1958 vuelve remos a encontrar en el mismo Prólogo a la Contribución a la crítica de la economía política, en la cual, por primera vez, como ya lo habíamos señalado, también está empleada la expresión más completa de 'formación económica de la sociedad'.

Marx: "Ninguna formación social (Gesellschaftsformation) - aporta este pasaje famoso - desaparece antes de que se desarrollen todas las fuerzas productivas que caben dentro de ella, y jamás aparecen nuevas y más altas relaciones de producción antes de que las condiciones materiales para su exis

tencia hayan madurado en el seno de la propia sociedad antigua. Por eso, la humanidad se propone siempre únicamente los objetivos que puede alcanzar, pues, bien miradas las cosas, vemos siempre que estos objetivos sólo brotan cuando ya se dan o, por lo menos, están gestando, las condiciones materiales para su realización. A grandes rasgos, podemos designar como otras tantas épocas progresivas de la formación económica de la sociedad (der ökonomischen Gesellschaftsformation), el modo de producción asiático, el antiguo, el feudal y el moderno burgués. Las relaciones burguesas de producción son la última forma antagónica del proceso social de producción (...). Con esta formación social (Gesellschaftsformation) se cierra, por tanto, la prehistoria de la sociedad humana". (...)

pg. 59 "Por lo demás, este concepto aparece más tarde explícitamente reafirmado en otro pasaje de Marx, en su Prefacio (que es de 1867) al tomo primer de El capital, cuando dice:
"Quien como yo concibe el desarrollo de la formación económica de la sociedad (der ökonomischen Gesellschaftsformation) como un proceso histórico-natural (naturgeschichtlichen Prozess), no puede hacer al individuo responsable de la existencia de relaciones de que él es socialmente criatura, aunque subjetivamente se considere muy por encima de ellas."

Gallissot, R. (1976) "Contra el Fetichismo" in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ed., Mexico.

Formaciones Sociales y Formaciones Socio-Políticas.

- pg.181 "En el interior de la formación económica capitalista existen formaciones sociales; corresponden ciertamente al desarrollo de las fuerzas productivas, que es desigual y contradictorio, pero no pueden explicarse por la sola referencia a la formación económica y al modo de producción, que dan cuenta de las clases pero no directamente del recorte de las colectividades históricas. (...)
- pg.182 "Pero una formación social no es sólo una estructura de comunidad de reproducción, constituida y transformada históricamente; halla su coherencia en un funcionamiento político, sobre un apoyo de orden estatal. (...)
- pg.183 "La formación económica es pues la invariante socio-económica de un modo de producción, que restablece sus líneas y fases de evolución, o sea vertiente histórica del modo de producción de esencia económica, pero sigue siendo fundamentalmente el objeto de la economía política. Toda formación socio-económica está constituida por el conjunto de las relaciones de producción y de las relaciones de clase en un campo dado; se hace referencia a uno o a muchos modos de producción, o mejor a una o a muchas formaciones económicas, pero se excluye, salvo el caso límite de perfecta pureza de realización, la confusión entre la formación socio-económica y la formación económica.
"Cada formación social define una realidad de otro orden. Si su contenido es del resorte del análisis económico, su explicación es propiamente histórica e incluso etno-histórica, como la de una comunidad o agrupamiento cuya evolución reside en la reprodu

cción social y en la desigualdad de desarrollo. Las formaciones sociales contienen pues una formación socio-económica (clases a inventariar en sus relaciones)."

Dhoquois, G. (1976) "La Formación Económico-Social como Combinación de Modos de Producción" in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ec., Mexico.

pg.186 "La primera, [solução] consiste en hacer del modo de producción una forma pura, abstracta, un modelo. En estas condiciones, el concepto de formación económico-social expresa la complejidad, la diversidad, lo concreto de la historia. (...)
"La segunda solución, que me parece la correcta, consiste en tomar el concepto de modo de producción como un 'abstrato real', es decir, en considerar que se trata de una estructura de la realidad, de una estructura totalmente presente en la realidad, que el análisis científico puede descubrir, y notoriamente, en lo que se puede llamar el 'tipo general' del modo de producción estudiado, según la expresión utilizada por Karl Marx al comienzo del libro II de El capital, es decir, las características principales e invariantes que comportan una definición científica del modo de producción considerado."

Texier, J. (1976) "Desacuerdos sobre la Definición de los Conceptos" in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ed., Mexico.

pg.195 "Primeramente no me parece que 'forma' y 'formación' se opongan como lo estático y lo dinámico. 'Forma' designa una estructura, lo que no excluye sino que incluye su devenir interno. (...)
"En cuanto a la palabra 'formación', es cierto que tiene dos sentidos, el de proceso, de génesis, como cuando se habla de 'la formación de la personalidad del niño', y el de organización o de estructura, como cuando se dice 'los aviones volaban en formación'. Pero en Marx, cuando es cuestión de 'formación económica' se trata de la estructura de las relaciones de producción y de las leyes de funcionamiento y de desarrollo que resultan de ésta."

Labica, G. (1976) "Cuatro Observaciones sobre los Conceptos de Modo de Producción y de Formación Económica de la Sociedad" in El Concepto de "Formación Económico-Social", Siglo XXI Ed., Mexico.

pg.209 "Marx, dice Lenin: '... ha colocado por primera vez la Sociología sobre una base científica, al formular el concepto de la formación económico-social, como conjunto de determinadas relaciones de producción, al establecer que el desarrollo de estas formaciones constituye un proceso histórico-natural'. (Idem, p. 154). ¿Como procedió Marx? '... reduciendo las relaciones sociales a las de producción, y estas últimas al nivel de las fuerzas productivas, se ha obtenido una base firme para representarse el desarrollo de las formaciones sociales como un proceso histórico-natural' (Idem, pp. 152-53). El concepto de FES es claramente referido al de MP como a su condición. Pero no reduce a él; '... al explicar la estructura y el desarrollo de una for-

mación social determinada exclusivamente por las relaciones de producción, Marx, no obstante, siempre y en todas partes estudiaba las superestructuras correspondientes a estas relaciones de producción, cubría el esqueleto de carne y lo inyectaba sangre.' (Idem, p.153); palabras subrayadas por Lenin." pg.210 Lenin: "Nosotros no consideramos - escribe en 1899 - en absoluto, la teoría de Marx como algo acabado e intangible: estamos convencidos, por el contrario, de que esta teoría no ha hecho sino colocar la piedra angular en la ciencia que los socialistas deben impulsar en todos los sentidos, siempre que no quieran quedar rezagados en la vida. Creemos que para los socialistas rusos es particularmente necesario impulsar independientemente la teoría de Marx, por que esta teoría da solamente los principios directivos generales que se aplican en particular a Inglaterra, de un modo muy distinto que a Francia; a Francia, de un modo distinto que a Alemania; a Alemania, de un modo distinto que a Rusia."

Castells, M. (1977) A Questão Urbana (Posfácio), Seleção de Textos, nº 3, AGB, São Paulo.

pg. 6 "Começamos, portanto, pelo espaço. Eis uma coisa bastante material, elemento indispensável de toda atividade humana. Entretanto, esta mesma evidência retira-lhe toda especificidade e o impede de ser utilizado directamente como uma categoria na a análise das relações sociais. Efetivamente, o espaço, como o tempo, é uma grandeza física que não nos diz nada, enquanto tal, sobre a relação social expressa ou sobre seu papel na determinação da mediação da prática social. Uma 'sociologia do espaço' pode ser somente uma análise de determinadas práticas sociais dadas num determinado espaço, portanto sobre uma conjuntura histórica. Da mesma forma que, falando-se do século XIX (expressão aliás discutível), não se faz alusão a um corte cronológico, mas a um determinado estado das formações sociais, da mesma maneira, falando-se da França, ou de Auvergne, do bairro de Ménilmontant, de Mato Grosso ou do bairro de Watts, faz-se referência a uma certa situação social, a uma determinada conjuntura. Naturalmente, há o 'sítio', as condições 'geográficas', mas interessam à análise somente enquanto suporte de uma certa trama de relações sociais, pois as características espaciais produzem efeitos sociais extremamente divergentes segundo as situações históricas. Portanto, do ponto de vista social, não há o espaço (grandeza física, mas entidade abstrata enquanto prática), porém um espaço-tempo historicamente definido, um espaço construído, trabalhado, praticado pelas relações sociais. Ele não a - molda, por sua vez, as ditas relações sociais? Não há uma determinação espacial do social? Sim, mas não enquanto 'espaço', e sim enquanto uma certa eficácia da atividade social expressa numa certa forma espacial. Um espaço 'de montanhas' não determina um modo de vida: os sofrimentos do meio físico são mediatizados, trabalhados, pelas condições sociais. De fato, não há escolha entre o 'natural' e o 'cultural' na determinação social, porque os

dois termos são unificados indissolivelmente na única realidade material do ponto de vista social: a prática histórica. Aliás, todas as 'teorias do espaço' que têm sido produzidas são teorias da sociedade ou especificações destas teorias. (...). O espaço, socialmente falando, assim como o tempo, é uma conjuntura, isto é, a articulação de práticas históricas concretas.

"Segue-se alguma coisa de fundamental para nossa análise: a significação social das diferentes formas e tipos de espaço, a divisão significativa do espaço; as unidades espaciais, não têm sentido fora do corte da estrutura social em termos científicos, em termos, portanto, de modo de produção e formações sociais. Isto significa que cada modo de produção e, enfim, cada estágio de um modo de produção implica uma divisão distinta do espaço, não somente em termos teóricos, mas em termos das relações reais instauradas entre os diferentes espaços. Diremos, de modo geral, que a especificidade destes tipos de espaço corresponderá, no essencial, à instância não somente determinante, mas também dominante, de um modo de produção no caso do capitalismo: o econômico. Por outro lado, todo espaço será construído conjunturalmente, portanto em termos de formação social, portanto em termos da articulação de modos de produção, de tal maneira que a dominância exprimir-se-á sobre um fundo de formas historicamente cristalizadas do espaço."

Santos, M. (1977) Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método, Boletim Paulista de Geografia, nº 54, AGB, São Paulo.

pg. 81 "Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a História não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social.

"Daí a categoria de Formação Econômica e Social parecer-nos a mais adequada para auxiliar a formação de uma teoria válida do espaço. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais frequentemente lhes provém o impulso. A base mesma da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se confronta. Deveríamos até perguntar se é possível falar de Formação Econômica e Social sem incluir a categoria do espaço. Trata-se de fato de uma categoria de Formação Econômica, Social e Espacial mais do que de uma simples Formação Econômica e Social (F.E.S.), tal qual foi interpretada até hoje. Aceita-la deveria permitir

aceitar o erro da interpretação dualista das relações Homem-Natureza. Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma Segunda Natureza, como Marx a chamou."

A Categoria de Formação Social.

- pg. 83 "Para Sereni, esta categoria [FES] expressa a unidade e a totalidade das diversas esferas - econômica, social, política, cultural - da vida de uma sociedade, daí a unidade da continuidade e da descontinuidade de seu desenvolvimento histórico. Para ele (1974: 19 e 24-25), é preciso sempre pôr em relação os dados estruturais com uma produção determinada, o que explica que todo modelo de formação econômica e social é um modelo fundado sobre a totalidade estruturada (Sereni, 1974: 15). Aproximase nisto de Lucáks (1970), para quem o estudo histórico das sociedades opõe a primazia do econômico a da totalidade."
- pg. 84 "Não é a 'sociedade em geral' que o conceito de F. E.S. se refere, mas a uma sociedade dada, como Lênin (1897) fez a respeito do capitalismo na Rússia. (...)
"O interesse dos estudos sobre as formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução. O estudo genético permite reconhecer, a partir de sua filiação, as similaridades entre F.E.S.; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da F. E.S., a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações."
- pg. 85 "Aqui, a distinção entre modo de produção e formação social aparece como necessidade metodológica. O modo de produção seria o 'gênero' cujas formações sociais seriam as 'espécies'; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização, e somente a formação econômica e social seria a possibilidade realizada."
- pg. 86 "Uma F.E.S. é 'um objeto real que existe independentemente de seu conhecimento, mas que não pode ser definido a não ser por seu conhecimento' (Althusser, 1965: 205)."

Formação Sócio-Econômica ou Formação Espacial?

- pg. 86 "Modo de produção, formação social, espaço - essas três categorias são interdependentes. Todos os processos que, juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) são histórica e espacialmente determinados num movimento de conjunto, e isto através de uma formação social."
- pg. 87 "A formação social compreenderia uma estrutura produtiva (P.L.Crosta, 1973) e uma estrutura técnica (G. La Grassa, 1972: 93). Trata-se de uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por uma certa distribuição da atividade de produção." (...)
"As diferenças entre lugares são o resultado do ar ranjo espacial dos modos de produção particulares."

O 'valor' de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional. (Santos, 1974: 8).

"Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada.

Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares.

"A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades 'externas', aquelas do modo de produção 'puro', quanto pelas necessidades 'internas', representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita. (...)

pg. 88 "As relações entre espaço e formação social são de outra ordem, pois elas se fazem num espaço particular e não num espaço geral, tal como para os modos de produção. Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.

"Tomada individualmente, cada forma geográfica é representativa de um modo de produção ou de um de seus momentos."

O Papel das Formas.

pg. 89 "A realização prática de um dos momentos da produção supõe um local próprio, diferente para cada processo ou fração do processo; o local torna-se assim, a cada momento histórico, dotado de uma significação particular. A localização num dado sítio e num dado momento das frações da totalidade social depende tanto das necessidades concretas de realização da formação social quanto das características próprias do sítio. O uso produtivo de um segmento de espaço num momento é, em grande parte, função das condições existentes no momento t-1. De fato, o espaço não é uma simples tela de fundo inerte e neutra.

"Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar." (...)

"O movimento do espaço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global. Se não podem criar formas novas ou renovar as antigas, as determinações sociais têm que se adaptar. São as formas que atribuem ao conteúdo novo provável, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real.

pg. 90 "As modificações do papel das formas-conteúdo - ou simplesmente da função codida a forma pelo conteúdo - são subordinadas, e até determinadas, pelo modo de produção tal como ele se realiza na e pela formação social. (...)

"De fato, a unidade da continuidade e da desconti-

nuidade do processo histórico não pode ser realiza da senão no espaço e pelo espaço. A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das F.É. S. permanentes."

Espaço e Totalidade.

- pg. 91 "O espaço reproduz a totalidade social, na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos."
- pg. 92 "O espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos."
- pg. 93 "De fato, é de formações sócio-espaciais que se trata."

SP 11/11/79